

GÊNERO E SUAS EXPRESSÕES NAS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS. Autores: Juliane Campos de Souza, Nayara Lima Longo. Orientador: Fernando Teixeira Silva Filho. SUBAREA- Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica - Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis.

Pensar gênero implica em uma tarefa de desconstrução do caráter fixo dos papéis sexuais (feminino e masculino), tornando evidente o quão limitado é se pautar nesta lógica dicotômica.

Enfocar gênero implica em observarmos seu caráter marcadamente histórico, tirando do debate os enfoques biológicos de cunho determinista que, de maneira reducionista, centravam suas discussões em fisiologismos. A partir disso, o gênero constitui-se, então, em um conceito que pretende “demonstrar os processos que são responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural”. (BORDIEU, 1999: 8).

A presença desta lógica dicotômica pode levar a uma associação errônea entre gênero e papéis sexuais, visto que estes se conduziriam por modelos de conduta que estariam no cerne da divisão arbitrária do sexual. Essa separação seria resultado da eleição arbitrária dos órgãos sexuais como parâmetro para a distinção entre os sexos. As consequências mais imediatas desta lógica, conhecida também como sexismo, seria a adoção do masculino como princípio que organiza e valora as relações sociais, denominado em nossa sociedade de machismo; e o heterossexismo que é eleição da heterossexualidade como única forma legítima de orientação sexual. “O duplo paradigma naturalista que define, por um lado, a superioridade masculina sobre as mulheres e, por outro lado normatiza o que deve ser a sexualidade masculina produz uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o verdadeiro homem, o homem normal”. (WELZER-LANG, 2001: 468).

Tomando, assim como BOURDIEU (1999, 15-22), o corpo como produto de uma realidade sexuada, no qual são inscritos, no mundo social, princípios de divisões sexualizantes, temos que a representação androcêntrica, que é universalmente partilhada, acaba por determinar esquemas de percepção, pensamento e ação que, por sua vez, organizam modos de existir e de relacionar. Homens e mulheres partilham, cada um à sua maneira, desta visão hegemônica, contribuindo para a manutenção de ideais de masculinidade e feminilidade.

Da mesma maneira CONELL (1995:189) considera que a prática social se dirige aos corpos: “o gênero é, nos mais amplos termos a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. Nas palavras de Foucault (1985) “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”.

As instituições (escolares, religiosas, familiares) — sendo espaços de socialização e onde circulam relações de poder — atuam, fundamentalmente, na consolidação e perpetuação de uma certa maneira de organizar a realidade, isto é, visam dar uma legitimidade ao mundo social, fazendo esquecer todo o arbítrio da sua base. Determinados tipos de instituições, segundo BOURDIEU (1999) seriam responsáveis pela “reprodução efetiva de todos os princípios de visão e de divisão fundamentais, e organizada também em torno de oposições homólogas”. Logo, seriam espaços privilegiados para a reprodução da visão androcêntrica, da divisão sexuada e da dicotomia entre papéis sexuais.

Deste modo, com esta pesquisa procuramos averiguar como as representações de gênero se expressam no cotidiano das práticas de cuidados e educação desenvolvidos por monitores e funcionários junto a crianças e adolescentes de uma instituição filantrópica de Assis. Examinando como essas práticas reforçam a exclusão e patologização das condutas de crianças e adolescentes que não correspondem aos parâmetros definidos pelos funcionários como legítimos para serem transmitidos.

Para tanto estamos utilizando um cruzamento de dados obtidos através de observações de campo e entrevistas em grupo e individuais.

Estamos analisando os dados coletados a partir dos conteúdos temáticos que surgiram nas entrevistas e observações. Entretanto, previamente, definimos alguns eixos temáticos comuns a todos os entrevistados.

A seleção desses eixos se baseou nos seguintes aspectos:

- ≠ Concepções gerais, acerca do que é ser homem e do que é ser mulher.
- ≠ Concepções gerais acerca do heterocentrismo
- ≠ Perceber como os entrevistados concebem as relações entre meninos e meninas na instituição.

GÊNERO E SUAS EXPRESSÕES NAS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS. Autores: Juliane Campos de Souza, Nayara Lima Longo. Orientador: Fernando Teixeira Silva Filho. SUBAREA- Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica - Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis.

- ≠ Perceber como os entrevistados concebem educação.
- ≠ Detectar o grau de influência que eles acham que tem na formação das crianças e adolescentes que freqüentam a instituição.
- ≠ Perceber o que pensam em relação às vulnerabilidades às DSTs/HIV/AIDS

Em um primeiro nível de interpretação identificamos as práticas, conceitos e ‘espectros interacionais’ dos participantes junto às crianças e entre eles próprios. A partir disso estamos redigindo considerações analíticas acerca das histórias de interação das pessoas com as crianças. A análise final será feita por meio da mediação dos dados dispostos no primeiro e segundo nível de interpretação comparando as entrevistas por hierarquia funcional na instituição. Por fim, procuraremos nas entrelinhas das entrevistas o deslocamento de sensações, a produção de devires e das relações de poder que possivelmente influenciasssem a produção de estilística da existência dessas pessoas.

Uma análise parcial dos dados nos permite inferir que determinadas praticas adotadas na instituição reforçam a exclusão e patologização das condutas de crianças e adolescentes que não correspondem aos parâmetros definidos pelos funcionários como legítimos para serem transmitidos. Pautados muitas vezes por uma norma heterossexual, branca e de classe média.

GÊNERO E SUAS EXPRESSÕES NAS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS. Autores: Juliane Campos de Souza, Nayara Lima Longo. Orientador: Fernando Teixeira Silva Filho. SUBAREA- Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica - Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. Em *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, no. 2, p.185-206, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.
- _____. *História da Sexualidade* II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Em Revista *Estudos Feministas*, vol.9, no. 2, p. 460-482, 2001.